

“Deixa Ela Falar”: Uma Análise Semiolinguística de uma Obra Literária com Capa de Meme Genuinamente Brasileiro

“Let Her Talk”: A Semiolinguistic Analysis of a Literary Work Whose Cover is Genuinely Brazilian Meme

Camilla Ramalho Duarte*, Rosane Santos Mauro Monnerat**

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a analisar uma publicação da página do Facebook “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”, cujo objetivo era chamar a atenção do destinatário para a quantidade de vezes em que a pré-candidata à presidência da república, Manuela D’Ávila, foi interrompida por outros indivíduos, ao participar do programa Roda Viva, da TV Cultura. Para tal, recorreu-se ao livro “Garota Interrompida”, deslocando o sentido deste último vocábulo, criando o que Charaudeau (2005) chama de novo Processo de Semiotização do Mundo, pois se substituiu a ilustração da capa do livro por uma foto de Manuela, sentada nos estúdios do referido programa. Além disso, recorrer-se-á à noção de imaginário sócio-discursivo (2013), cunhada pelo teórico em questão, para explicar a crença de que mulheres podem ter suas falas interrompidas. Assim, tal página foi capaz de denunciar o machismo sofrido pela deputada, ao criticar todos que tentaram subjugar-la, dizendo, indiretamente, “deixa ela falar”.

PALAVRAS-CHAVE: Manuela D’Ávila; maninterrupting; semiolinguística

ABSTRACT: The present work proposes an analysis of a Facebook publication from a page called “Literary works whose covers are genuinely Brazilian”, whose goal was to point out the number of times in which the president pre-candidate Manuela D’Ávila was interrupted by other interviewers when she took part in the Brazilian TV show “Roda Viva” from the channel TV Cultura. In order to do so, the book “Girl, interrupted” was used. The meaning of “interrupted” was replaced, creating what Charaudeau calls “process of a new semiotization of the world” for the original picture was substituted by Manuela’s picture, sitting in the studios of the referred show. Besides that, the notion of sociodiscursive imaginary, coined by the theorist in question is also used in order to explain the belief that women can be interrupted. Therefore, the page was able to expose the sexism suffered by the politician once it criticized everyone who tried to subject her,

* Doutoranda em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense (UFF); e-mail: camillarduarte22@hotmail.com

** Professora Titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem; e-mail: rosanemonnerat@id.uff.br

 10.46230/2674-8266-11-2923

Distribuído sob



saying indirectly “let her talk”.

KEYWORDS: Manuela D’Ávila; maninterrupting; semiolinguistic.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito analisar uma publicação de uma página do Facebook, intitulada “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”, cujo objetivo era chamar a atenção do sujeito destinatário para a quantidade de vezes nas quais Manuela D’Ávila, então pré-candidata à presidência da república, foi interrompida, quando participava do programa Roda Viva, veiculado pela TV Cultura, o que mostra o quanto o machismo é recorrente na sociedade em que vivemos.

Cabe lembrar que os pares da deputada federal, no programa em questão, eram, em sua maioria esmagadora, homens, bem como aqueles que a entrevistaram. A partir desse fato, pode-se estabelecer que tais pessoas ocupam posições privilegiadas socialmente, ao contrário de Manuela, que pertence a uma minoria, subjugada ao modelo patriarcal no qual estamos inseridos, justamente por ser mulher.

A deputada, também em sua página do Facebook, publicou um vídeo em que direcionou perguntas sexistas feitas para ela, durante a pré-campanha, aos homens, tentando mostrar o quanto tais questionamentos tornavam-se ridículos, na medida em que seus destinatários eram do gênero masculino. É o caso, por exemplo, das perguntas “O senhor se depila?”, “Homens públicos e fortes assustam as mulheres, como sua esposa reage a isso?”, “Por ser homem, o senhor considera, candidato, que existem terrenos em que o senhor não possa ou não saiba atuar?”, “Sua atuação política fez com que os planos de casamento ou paternidade ficassem em segundo plano?”.

Embora sejam apenas dois, tais episódios evidenciam de que maneira a pré-campanha de Manuela foi marcada pelo machismo e pela misoginia, o que não aconteceu, obviamente, com os outros pré-candidatos, que tiveram suas falas respeitadas, não responderam a perguntas que colocassem em xeque sua capacidade política, só pelo fato de serem homens e, também, não tiveram que mostrar como conseguem conciliar trabalho com família e filhos.

A deputada, então, recorreu, no referido vídeo, a uma espécie de jogo do espelho para criticar jornalistas que se comportam de maneira machista e misógina em suas falas. Além disso, fez uso de uma estratégia de sedução do destinatário, uma vez que pretendeu fazê-lo rir e aderir ao posicionamento que assume. A já mencionada página da internet também parece se utilizar de uma estratégia de sedução semelhante, posto que recorre ao riso para tornar seus destinatários cúmplices daquilo que diz.

Dessa maneira, o sujeito enunciativo da publicação em questão, apropria-se da capa do livro “Garota Interrompida”, deslocando o sentido deste último termo, a fim de mostrar de que forma Manuela foi vítima de machismo ao ter sua fala interrompida repetidas vezes: exatamente, sessenta e duas vezes, de acordo com a notícia do site Buzzfeed (2018), ao passo que Ciro Gomes, outro pré-candidato ao mesmo cargo, foi interrompido apenas oito vezes. Ou seja, ela foi interrompida quase oito vezes mais que ele.

Cabe lembrar que o enredo do livro homônimo em nada tem a ver com o fato de uma personagem do gênero feminino ter sido vítima do que se convencionou chamar de maninterrupting. Na realidade, o

enredo do livro fala de uma garota, diagnosticada com um transtorno de personalidade, que foi parar no hospital psiquiátrico Mc Lean. Portanto, nesse contexto, “interrompida” significa toda uma vida que a protagonista do romance deixou para trás ao ser internada em um hospital psiquiátrico.

A propósito, para analisar o corpus em questão, recorrer-se-á ao conceito de Processo de Semiotização de Mundo, teorizado por Patrick Charaudeau, haja vista que um novo mundo foi criado a partir do momento em que se colocou a foto de Manuela D’Ávila na capa do livro “Garota, Interrompida”, mudando, radicalmente, o sentido da palavra “interrompida” e possibilitando o surgimento de um mundo significado diferente, que servirá como mote para a troca languageira.

Ademais, far-se-á uso do conceito de imaginário sócio-discursivo, também cunhado pelo linguista francês, para que se tornem visíveis as crenças que ressoam em nossa sociedade, no que diz respeito ao gênero masculino e ao feminino, em termos de direitos, lutas e conquistas. Vale lembrar que tais imaginários são construídos discursivamente e se manifestam pelo discurso, ou, nesse caso, pelas interrupções.

Dessa forma, Processo de Semiotização de Mundo e imaginários sociodiscursivos serão os dois conceitos-chave que servirão de base para que essa capa de livro ressignificada seja estudada à luz da Análise Semiollingüística do Discurso. Assim, em um primeiro momento, será considerado o aspecto lingüístico do texto e, em seguida, o aspecto discursivo, afinal, são diversos os possíveis efeitos de sentido gerados pelo simples enunciado “Garota, interrompida”.

Por fim, o artigo em questão será composto pela seção “Fundamentação Teórica”, a qual expandirá o aporte teórico citado acima, e pela sub-seção “Desvendando as estratégias lingüístico-discursivas de uma capa de ‘Garota, Interrompida’”, em que tal obra será analisada, levando em conta o que foi mencionado na Fundamentação Teórica do trabalho. Depois, serão feitas as considerações finais desse trabalho.

É imprescindível, portanto, proceder à fundamentação teórica do presente artigo, haja vista que as considerações iniciais já foram feitas.

1 EIXOS TEÓRICOS

Segundo Charaudeau (2005), o *Processo de Semiotização do Mundo* é duplo, uma vez que ocorre em duas frentes, a saber, o *processo de transformação*, no qual um “mundo a significar” transforma-se em “mundo significado”, na e pela linguagem; e o *processo de transação* que faz desse “mundo significado” objeto de troca languageira com outro sujeito, que é o destinatário do ato de linguagem.

No *processo de transformação*, inscrevem-se quatro tipos de operações, por meio das quais o sujeito falante é capaz de transmutar o “mundo a significar” em “mundo significado”: a primeira delas é a *identificação*, na qual os seres do mundo são transformados em identidades nominais, posto que são nomeados e conceitualizados. A segunda é a operação de *qualificação*, em que são atribuídas características a seres, estabelecendo-se, para eles, identidades descritivas. A terceira é a *ação*, haja vista que tais serem realizam ou sofrem ações, o que lhes confere uma razão de ser ao fazerem algo. Assim, são transformados em identidades narrativas.

Vale lembrar que tais ações que os indivíduos sofrem e/ou realizam acontecem em razão de certos motivos, o que inscreve esses seres em uma relação de causalidade, por isso, pode-se afirmar que a quarta

operação do processo de transformação é a *causação*. Além disso, a sucessão de fatos do mundo é explicada em relações de causalidade.

O *processo de transformação*, por sua vez, também se realiza em função de quatro princípios básicos que, de alguma maneira, regulam as trocas languageiras, em que o mundo já significado se tornou objeto de comunicação. O primeiro deles chama-se *princípio da alteridade* e diz respeito ao fato de que todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros que devem reconhecer-se enquanto semelhantes e diferentes, concomitantemente.

São semelhantes, porque, para que tal troca se realize, devem ter, em comum, alguns saberes compartilhados e motivações comuns e diferentes, pois cada um desempenha um papel particular dentro da cena enunciativa: um é o emissor e o outro, o receptor. Desse modo, cada um dos parceiros do ato de linguagem engaja-se em um processo recíproco, mas não simétrico, de reconhecimento e legitimação do outro.

O segundo princípio é o da *pertinência*, segundo o qual os parceiros do ato de linguagem devem reconhecer os diferentes universos de referência que constituem o objeto do *processo de transação*. Portanto, devem compartilhar os diversos saberes implicados no ato de linguagem, que devem ser apropriados ao contexto e à finalidade da troca languageira.

O *princípio da influência*, por sua vez, refere-se à ideia de que o sujeito do ato de linguagem tem por objetivo atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para alcançá-lo emocionalmente, seja para orientar o pensamento dele. Ademais, todo sujeito interpretante sabe que é alvo de influência, o que confere a ele a possibilidade de interagir com o outro, sempre levando em conta as restrições que a situação de comunicação impõe.

Por último, tem-se o *princípio da regulação*, que está ligado ao *princípio da influência*, haja vista que toda influência pode gerar uma contrainfluência. Desse modo, para que a troca languageira prossiga e chegue a uma conclusão, os parceiros precisam proceder a uma regulação do jogo das influências, recorrendo a estratégias, no interior de um quadro situacional, que assegure uma intercompreensão mínima do propósito comunicativo, sem o qual a troca não se realizaria.

Vale lembrar, ainda, que as quatro operações do *processo de transformação* não se fazem livremente: ocorre, pois, uma espécie de liberdade vigiada, sob o controle do *processo de transação*, tendo por base as diretivas deste, o que confere uma orientação comunicativa e um sentido às operações em questão.

Por último, nas palavras de Charaudeau (2005),

[...] para que um ato de linguagem seja válido (isto é, produza seu efeito de comunicação, realize sua transação) é necessário que os parceiros reconheçam, um ao outro, o direito à fala (o que depende de sua identidade), e que possuam em comum um mínimo de saberes postos em jogo no ato de troca languageira. Mas, ao mesmo tempo – segundo os princípios de influência e de regulação –, estes parceiros têm certa margem de manobra que lhes permite usar de estratégias. Dizemos então que a estruturação do ato de linguagem comporta dois espaços: um *espaço de restrições*, que compreende as condições mínimas às quais é necessário atender para que o ato de linguagem seja válido, e um *espaço de estratégias*, que corresponde às escolhas possíveis à disposição dos sujeitos na *mise-en-scène* do ato de linguagem. (CHARAUDEAU, 2005, p. 17).

Como dito, os sujeitos têm certa margem de manobra ao produzir seus discursos, por esse motivo,

não são completamente livres para tematizar sobre aquilo que têm a intenção de dizer: dependem, então, da situação de comunicação na qual se encontram e que impõe, a eles, sujeitos comunicante e interpretante, restrições e possibilidades, criando, portanto, um campo temático que é próprio de cada atividade linguageira e que impede, por exemplo, que uma situação de comunicação seja confundida com outra.

Pensando, agora, no conceito de *imaginários sociodiscursivos*, cabe estabelecer que Charaudeau atenta para o fato de que há “imaginários de verdade”, uma vez que a verdade se relaciona com o discurso e não se pode dizer que ela é apenas discurso. Contudo, não é possível representá-la de outra maneira que não usando a linguagem, afinal, é esta que funda e configura os sistemas de valor, muitas vezes, sendo entendidos como sinônimos de representações sociais.

O sujeito é, então, por um lado, dominado por um mundo que lhe é imposto, mas, por outro, é por meio dos sistemas de representação que ele apreende esse mundo; sistemas esses que o próprio sujeito constrói e que dependem de sua vivência. Desse modo, “os sistemas de representação social refletem e refratam imaginários, interpretando a realidade que nos cerca e mantendo com ela relações de simbolização, por um lado, e atribuindo-lhe significações, por outro” (MONNERAT, 2012, p. 308).

Logo, ao se deparar com a realidade, o sujeito é mobilizado por essa experiência e constrói seu saber sob a dependência da realidade, na medida em que não pode pensar sobre si próprio, sem ser mediante as representações que dá para si. Dessa maneira, pode-se afirmar que o ser humano é, simultaneamente, sujeito e objeto da realidade.

Vale lembrar que, entre a realidade e a potencial percepção que um sujeito tem dela, existe um processo de interpretação por meio do qual a realidade é construída em função da posição que o sujeito assume e das condições de produção que advêm do contexto social em que ele se encontra. Portanto, um sujeito se constitui enquanto tal nas e pelas representações, com fins de adaptação ao seu meio ambiente de comunicação com o outro.

As representações sociais, no dizer de Charaudeau (2013),

[...] têm por função ‘interpretar a realidade que nos cerca, por um lado mantendo com ela relações de simbolização; por outro, atribuindo-lhes significações’. Elas são constituídas pelo ‘conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões *produzidos e partilhados* pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social. (CHARAUDEAU, 2013, p. 195-196).

São essas representações sociais ou discursos de representação que fazem com que um indivíduo se reconheça enquanto pertencente a determinado grupo social por um jogo de identificação e exclusão em relação aos demais indivíduos que também se enxergam como parte de um grupo social. Assim, tem-se a representação social como fenômeno cognitivo-discursivo geral, que engendra sistemas de conhecimento, nos quais se distinguem os *saberes de conhecimento* e os *de crença*.

Por *saberes de conhecimento*, entendem-se aqueles que visam a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Ademais, pensa-se que existem para além da subjetividade, uma vez que aquilo que funda essa verdade é exterior ao sujeito. Portanto, tais saberes dizem respeito aos fatos do mundo e à explicação que se pode dar sobre o porquê ou o como desses fenômenos. Constituem-se, então, como uma razão científica capaz de construir uma representação da realidade que advêm do conhecimento do

próprio mundo.

Desse modo, os *saberes de conhecimento* representam um discurso que não pertence à pessoa que os veiculou, é a realização de um terceiro impessoal, geralmente, a ciência, “que é independente de todo ato de enunciação pessoal e que desempenharia, ao mesmo tempo, o papel de referência e de verificador do saber” (CHARAUDEAU, 2013, p. 197-198).

Já os *saberes de crença* têm por objetivo sustentar um julgamento sobre o mundo, uma vez que representam os valores que os sujeitos atribuem a esse mundo e não o conhecimento que os indivíduos têm sobre ele. Portanto, “os valores são procedentes de um juízo não relativo ao conhecimento do mundo (...), mas aos seres que habitam esse mundo, seu pensamento e seu comportamento” (CHARAUDEAU, 2013, p. 198).

Desse modo, como diria Charaudeau (2013), “saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais. Os primeiros, ao construírem representações classificatórias do mundo; os últimos, ao darem um tratamento axiológico às relações do homem com o mundo” (CHARAUDEAU, 2013, p. 198-199).

O teórico (2013) afirma, ainda, que esses saberes *de conhecimento e de crença*, enquanto representações sociais, constroem o real como sendo um universo de significação, segundo um princípio da coerência, por isso, pode-se falar em imaginários. O termo “sociodiscursivos”, por outro lado, surge do fato de que esses imaginários são identificados por enunciados linguageiros, produzidos pelos sujeitos do ato de linguagem. Além disso, tais imaginários circulam no interior de um grupo social, o que faz com que se tornem normas de referências para seus membros.

Vale ressaltar, também, que o imaginário é, de maneira efetiva, uma imagem da realidade que a interpreta e que a faz entrar em contato com um universo de significados. Logo, a realidade existe nela mesma, todavia, não significa nada sem a relação que os sujeitos mantêm com ela, por meio de suas experiências, e que estabelecem com o outro para alcançar uma espécie de consenso de significação. “A realidade tem, portanto, necessidade de ser percebida pelo homem para significar, e é essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, os quais em contrapartida dão sentido a essa realidade” (CHARAUDEAU, 2013, p. 203-204).

Pensando, agora, em uma perspectiva coletiva, é possível dizer que o imaginário social se constitui como um universo de significações fundador da identidade do grupo, já que o mantém unido, uma vez que os indivíduos pertencentes a diversos grupos partilham imaginários comuns.

Os imaginários, por sua vez, não podem ser considerados nem verdadeiros nem falsos nem verificáveis, haja vista que refletem a visão que tem o sujeito do real, o que faz com que sejam mais ou menos verossímeis. Apesar de não ser possível atestar que tais imaginários são falsos ou verdadeiros, é necessário que os sujeitos acreditem que estão diante da verdade, afinal, todo imaginário é um imaginário de verdade, posto que essencializa as visões e as percepções de mundo dos sujeitos, resultando de uma dupla interação: a do indivíduo com a realidade e a do indivíduo com o outro.

Por outro lado, deve-se ressaltar o fato de os imaginários não são todos conscientes, mas fruto de uma coletividade que tenta racionalizá-los por meio de discursos, muitas vezes, veiculados por instituições, tais como a família ou a igreja. Outros imaginários, a seu turno, circulam socialmente, também de maneira

não consciente, por conta de julgamentos que são percebidos pelos enunciados, pelas maneiras de falar – ou de interromper -, enfim, pelos comportamentos linguageiros dos sujeitos. Tais imaginários, muitas vezes, “estão de tal modo assimilados pelos membros do grupo social que funcionam de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 205).

Há, ainda, imaginários que estão submersos no que se convencionou chamar de “inconsciente coletivo”, pois todas as implicações e complexidades que carregam consigo foram construídas ao longo da história, sendo, portanto, considerados uma ideia coletiva de longa data.

Por fim, “efetivamente, para desempenhar plenamente seu papel de espelho identitário, esses imaginários fragmentados, instáveis e essencializados têm a necessidade de ser materializados” no e pelo discurso (CHARAUDEAU, 2013, p. 206).

Depois de o presente artigo ter sido ancorado teoricamente, procederemos à análise do *corpus* que integra este trabalho

1.1 AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE UMA CAPA DE “GAROTA, INTERROMPIDA”

Antes de iniciar a análise propriamente dita da capa de livro com um meme genuinamente brasileiro, que compõe o *corpus* do presente trabalho, é necessário dizer que, em um primeiro momento, tal página do Facebook substituíra as ilustrações de diversas capas de livros por memes replicados exponencialmente nas redes sociais, entretanto, o sucesso do veículo foi tanto que os sujeitos comunicantes passaram a substituir as ilustrações originais dessas capas por quaisquer outras figuras, como é o caso da foto de Manuela D’Ávila, sentada nos estúdios do Roda Viva.

Figura 1 – Capa de obra literária com meme genuinamente brasileiro



Fonte: Página do Facebook “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”.

Por meio de tal informação, então, é possível estabelecer que se iniciou um novo *processo de semiotização de mundo*, a partir do momento em que houve tal substituição, já que os sujeitos do ato de linguagem criaram um novo mundo por meio da linguagem – nesse caso, não apenas da linguagem verbal –, que serviu como objeto de troca linguageira.

Pensando, agora, no *processo de transformação*, pode-se afirmar que, tendo por base a capa original do livro, ocorreram duas operações, a saber, a *nomeação* e a *qualificação*: houve a etapa da *nomeação*, uma vez que se empregou um substantivo, nesse caso, “garota” para dar um nome à figura da foto, a pré-candidata à presidência da república, e, também, houve a etapa da *qualificação*, pois foi elencado o adjetivo “interrompida” para caracterizar o vocábulo “garota”. Em relação à etapa da *ação*, por inferências, é possível dizer que a garota foi interrompida por algo ou alguém, ou seja, sofreu a ação expressa pelo verbo “interromper”.

No entanto, tendo por base apenas a capa do livro, não é possível precisar o que causou tal interrupção e é justamente daí que ocorre a possibilidade de haver o deslocamento de sentido de “interrompida”. Explica-se: a narrativa original do livro conta a história de uma personagem que, após um surto, acabou se descolando da realidade e sendo internada em um manicômio. Assim, o que causou a interrupção da vida normal que a garota levava foi o fato de ela ter sido deixada em um hospital psiquiátrico. Contudo, essa informação só é obtida se a obra for lida de maneira integral.

Agora, caso se observe a nova capa criada que mostra a foto de Manuela D’Ávila, o sujeito interpretante precisará ativar seus conhecimentos enciclopédicos, ou seja, saber que ela foi interrompida, muitas vezes, por homens, enquanto participava do programa Roda Viva da TV Cultura, para entender que houve uma ressignificação do termo “interrompida”, fruto, justamente, do fato de ela ter tido sua fala suspensa.

Pode ser, também, que, a partir das visões de mundo que o sujeito interpretante carrega consigo, ele julgue que existe outra razão para explicar a mudança de sentido do termo “interrompida”, que é o fato de ainda vivermos em uma sociedade extremamente patriarcal que desconsidera as falas das mulheres e que as interrompe, como se elas não tivessem nada de importante para dizer e nenhuma contribuição para dar em relação ao tema discutido. Trata-se, portanto, do que se cunhou chamar de *manterrupting*.

Como dito, houve, por parte da página do Facebook, a criação de um novo mundo – ou de uma nova capa – que será objeto de troca entre os parceiros do ato de linguagem. Portanto, a capa mostrada acima constitui-se como sendo um novo universo, haja vista que seu sentido original foi alterado e “interrompida” passou a se referir, obviamente, a todas as vezes em que Manuela teve sua fala descontinuada por um dos jornalistas que participavam da entrevista em questão.

Também são quatro os princípios básicos que regem o *processo de transação* e o primeiro deles diz respeito à *alteridade*. Desse modo, os parceiros do ato de linguagem, nesse caso, aqueles que produziram e consumiram as capas, precisam reconhecer-se enquanto semelhantes e também diferentes. Logo, se um sujeito interpretante não concordar com o que foi dito por tal capa, considerando ser natural uma mulher ter sua fala interrompida oito vezes mais que outro pré-candidato à presidência da república, não se tornará cúmplice do discurso veiculado por tal página, mas, pelo contrário, tornar-se-á adversário, uma vez que não aderirá à ideia de que Manuela teve sua fala suspensa, tantas vezes, por conta de atitudes

machistas que ainda existem em nossa sociedade, como é o caso do *manterrupting*.

Levando em conta o segundo princípio do *processo de transformação*, pode-se estabelecer a necessidade de que os enunciados verbal e/ou visual da capa sejam considerados pertinentes pelos sujeitos interpretantes. Dessa maneira, tais enunciados só serão tidos como adequados se os sujeitos do ato de linguagem partilharem universos comuns de referência. Explica-se: caso o sujeito interpretante não saiba que a então pré-candidata à presidência da república foi interrompida diversas vezes, no já mencionado programa, não será capaz de interpretar o enunciado “Garota, interrompida” da maneira visada pelo sujeito comunicante, podendo, até mesmo, não entender qual é o sentido estabelecido pelo título do livro.

Obviamente, todo sujeito comunicante tem por objetivo persuadir o sujeito interpretante a respeito daquilo que diz, daí valer-se do *princípio da influência* para que tal processo de convencimento se concretize. Portanto, se o *princípio da influência* for bem-sucedido, o interpretante concordará com o sentido explícito do enunciado e, também, com o sentido implícito, ou seja, a ideia de que Manuela só foi tantas vezes interrompida por ser mulher e por vivermos em uma sociedade patriarcal.

O *princípio da influência*, por sua vez, está altamente ligado ao *da regulação*, posto que, conforme dito, toda influência gera uma contra-influência. Dessa forma, o sujeito comunicante produzirá seus enunciados tendo por base uma margem de manobra que lhe suscitará restrições. Pode-se pensar, por exemplo, que o sujeito comunicante tenha se valido do humor, gerado pelo deslocamento de sentido do termo “interrompida” para convencer seu leitor sobre aquilo que disse, em vez de tentar impor uma opinião a ele, imaginando que este seria mais facilmente persuadido se fosse captado pelo viés humorístico do texto.

Observando o conceito de imaginário sociodiscursivo, de que fala Charaudeau (2013), pode-se dizer que ressoa um *saber de crença* na capa analisada, que diz respeito ao fato de que as mulheres sempre tiveram suas falas interrompidas, sem que houvesse nenhum juízo de valor negativo acerca disso, afinal, os homens constituem-se, desde os primórdios, como símbolo de poder em nossa sociedade. Por outro lado, não há a existência de nenhum *saber de conhecimento*, posto que não existe nenhuma razão científica para que a mulher seja considerada inferior ao homem e para que suas falas sejam passíveis de tantas interrupções.

Parece haver, ainda, duas interpretações conflitantes da situação que essa capa retrata: por um lado, há um grupo social que não vê problema nenhum no fato de Manuela D’Ávila ter tido sua fala suspensa tantas vezes, haja vista que pensa que tais discontinuidades são comuns às situações de comunicação nas quais as trocas linguageiras acontecem em presença. Mas, por outro, existe um grupo que considera que essas paralisações têm a ver, como mencionado, com ideais e valores construídos socialmente.

A esse respeito, cabe lembrar, com Bourdieu (2010) a “dominação simbólica” a que as mulheres vêm sendo submetidas através dos tempos. Diz o sociólogo:

A divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação [...]. (BOURDIEU, 2010, p. 60).

Assim, parecem reverberar o imaginário de que lugar de mulher não é na política, o que fica claro, posto que a pré-candidata não teve seu direito à palavra respeitado e lhe foram feitas perguntas sexistas a que teve que responder, enquanto concedia entrevistas. Além disso, existe, ainda, um imaginário oposto ao segundo, uma vez que parece ser a intenção do sujeito comunicante criticar tais interrupções, mostrando que as mulheres podem e devem ocupar cargos políticos e ter suas falas e ideias respeitadas.

De acordo com Charaudeau (2013), não há como afirmar que qualquer um desses imaginários possa estar certo ou errado ou, ainda, que seja falso ou verdadeiro, todavia, é necessário que os sujeitos acreditem que estão diante de verdades consideradas quase absolutas, afinal, os referidos imaginários essencializam visões de mundo de grupos sociais mais ou menos inclinados a apoiar os direitos iguais entre homens e mulheres.

Ademais, cabe ressaltar não ser possível afirmar que todos os indivíduos integrantes de grupos sociais onde ressoam tais imaginários e crenças concordam com as ideais trazidas por eles, haja vista que os imaginários essencializam os indivíduos, dividindo-os em posições muito polarizadas, nesse caso, totalmente contra ou totalmente a favor dos direitos iguais para as mulheres.

Pode ser, por exemplo, que sujeitos pró direitos da mulher achem que tais interrupções são uma tendência natural – ainda que não tenham acontecido com os demais pré-candidatos à presidência da república – das trocas languageiras ou, ao contrário, pode ser que pessoas que pregam que homens e mulheres sejam tratados de maneiras diferentes considerem um acontecimento grave a suspensão do direito de fala de Manuela.

Outra observação a ser feita é que os sujeitos enunciadores de tal página do Facebook parecem estar alinhados a um posicionamento político-ideológico que dialoga e reafirma os direitos das mulheres, haja vista, por exemplo, a capa abaixo, em que há uma crítica explícita à outra situação comum em nossas vidas: o *mansplaining*.

Figura 2 – Capa de obra literária com meme genuinamente brasileiro



Fonte: Página do Facebook “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”.

Por *mansplaining*, entende-se a necessidade que têm os homens de explicar os conceitos mais básicos às mulheres, como mostra o texto acima, em que um homem tenta ensinar a uma mulher o que seria “enganar”, embora ela tenha falado justamente o mesmo em sua publicação em uma rede social.

Muito já foi explanado acerca da capa destacada, por esse motivo, cabe, nesse momento, proceder às considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo dito anteriormente, pode-se pensar que os sujeitos enunciadorees da página do Facebook “Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros”, além de criarem um novo mundo significado, por meio de enunciados verbais e visuais, também empreendem uma crítica pontual ao fato de Manuela D’Ávila, então pré-candidata à presidência da república, ter sido interrompida diversas vezes, quando participou do programa Roda Viva, da TV Cultura.

Dessa maneira, tal capa de livro chama a atenção para o fato de que, em pleno século XXI, as

mulheres ainda não tenham conquistado direitos iguais aos dos homens, o que fica claro se refletirmos sobre a quantidade de mulheres que ocupam cargos políticos de destaque, como é o caso do de presidente da república. Embora não entrem em confronto direto com todos aqueles que cessaram as falas da deputada, acabam por desaprovar tais atitudes, a partir do momento em que substituem a ilustração da capa do livro “Garota, interrompida” por uma foto de Manuela, enquanto participava do referido programa, deslocando, assim, o sentido do adjetivo, determinante do substantivo “garota”.

Portanto, só com a criação desse novo mundo, significado por meio da palavra, é possível empreender um julgamento a favor da igualdade de gênero, sem partir para o conflito direto e tentando captar o leitor a aderir ao posicionamento dos sujeitos enunciadore, tornando-o cúmplice do que foi dito. E é, justamente, esse novo mundo significado que serve de mote para a troca linguageira, possibilitando aos sujeitos discutirem, concordarem e discordarem sobre o enunciado implícito que traz a capa: “Deixa ela falar”.

Os *imaginários sociodiscursivos* ressoantes no *corpus* do presente trabalho também apontam para o fato de que há uma crença recorrente de que mulheres podem ter suas falas interrompidas por homens, já que estes seriam detentores de muitos privilégios, inclusive, do direito irrestrito à fala.

Enfim, acreditamos que o texto em questão, ainda que seja aparentemente simples, fomenta a discussão dos papéis sociais estereotipados que exercem homens e mulheres na sociedade em que vivemos, uma vez que, por meio do humor, estabelece uma crítica ao fato de ainda serem recorrentes as situações de *manterrupting* e *mansplaining*, em um claro exemplo do quanto nossa sociedade ainda é patriarcal, machista e misógina.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 2010.

OBRAS LITERÁRIAS COM CAPAS DE MEMES GENUINAMENTE BRASILEIROS. *Facebook*, [S.l., 2018, *web*]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Obras-liter%C3%A1rias-com-capas-de-memes-genuinamente-brasileiros-428304420845648/>>. Acesso em: 29. ago. 2018.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

KATAOKA, Juliana. A participação da Manuela D’Ávila no Roda Viva foi videoaula de “manterrupting”. *Buzzfeed*, Brasil, 26 jun. 2018, *web*. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/julianakataoka/manuela-davila-foi-interrompida-62-vezes-em-um-programa-de?utm_term=.vhdw07OAxX#.ykMK1Wzgyx>. Acesso em: 31. ago. 2018.

MONNERAT, R. S. M. As herdeiras de uma revolução: imaginários sociodiscursivos e estereótipos. In: XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2012. Rio de Janeiro. Almanaque CIFEFIL, 2012. v. 16. p. 303-316. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/026.pdf>. Acesso em: 29. ago. 2018.